

Aliados dão voto e dor de cabeça a FH

Carlos Eduardo - 18/6/98

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA - Na manhã do dia 16 de setembro, o coordenador político da campanha do presidente Fernando Henrique Cardoso, Euclides Scalco, foi acordado por um telefonema. Era o governador do Rio de Janeiro, Marcello Alencar, furioso com uma nota publicada nos jornais e atribuída à equipe de marketing: estava programado para 27 de setembro, no Rio, o showmício de encerramento da campanha. Marcello não sabia de nada, mas se irritou mesmo ao ler que o único orador seria Fernando Henrique, porque os artistas e outros eleitores que dariam apoio ao presidente haviam vetado a presença de candidatos locais.

"É um absurdo. Não admito isso, sou o governador do Rio de Janeiro. É um desrespeito", esbravejou Marcello ao telefone. Scalco, que também desconhecia a existência do showmício, garantiu que ninguém iria passar por cima do governador. Chegando ao comitê, reuniu-se com o coordenador geral da campanha e deu um ultimato: "Ou cancela, ou vou embora. Dei a minha palavra".

Scalco venceu a queda de braço e o showmício do Rio foi cancelado. Não tinha sido a primeira explosão de Scalco, que, como coordenador político da campanha, era responsável pela compatibilização dos interesses dos partidos que integram a aliança de apoio a Fernando Henrique. Tanto que suas ameaças de ir embora acabaram ficando folclóricas no comitê da reeleição. Como ninguém queria assumir sua tarefa, dava-se sempre um jeito.

O presidente Fernando Henrique foi preservado na maioria destas situações de constrangimento. Mas em São Paulo, durante uma festa da campanha do deputado Franco Montoro, dia 17 de agosto, o presidente se expôs mais e reagiu

com firmeza a um discurso grosseiro de André Franco Montoro Filho. O filho do homenageado reclamou, em discurso, dos outdoors da campanha do candidato do PPB, Paulo Maluf, ao governo de São Paulo. Integrante da aliança, Maluf aparecia numa fotomontagem sorridente, ao lado de Fernando Henrique.

"Eu me sinto enojado ao ver este outdoor. Enquanto nós lutávamos pela democracia, ele construiu um cemitério em Perus para ocultar os cadáveres dos que eram assassinados pelo ditadura", disse Montoro Filho. Dona Ruth, ao lado do presidente, ficou perplexa: "É inacreditável".

O mal-estar foi tamanho que o filho de Montoro, no final do jantar, foi à mesa de Fernando Henrique para tentar se justificar. Mas nem conseguiu falar. "Com esse discurso você estragou tudo. Esta era para ser uma festa de apoio ao Covas (governador Mário Covas). Vamos juntos lá fora para você ver o que a imprensa vai me perguntar. Eu sou o presidente da República e o que você fez foi uma falta de respeito", disse Fernando Henrique.

As testemunhas do diálogo dizem nunca ter visto o presidente tão furioso. A irmã de Montoro Filho, Malu, tentou contornar a situação e foi procurar a primeira-dama, mas Dona Ruth também estava indignada: "A festa estava boa, o ambiente era favorável ao Covas, mas o discurso estragou tudo. Isso não se faz".

Nem mesmo os maiores aliados do presidente deixaram de criar problemas para a campanha. A visita que Fernando Henrique fez em 1º de agosto a cidade do Crato, no Ceará, foi precedida de penosa negociação. O governador Tasso Jereissati insistia para que o presidente fosse a uma favela onde havia mandado executar um projeto de saneamento. Mas a equipe que prepara as viagens do presidente vetou.

"Aqui quem manda sou eu", disse Tasso ao telefone para o coordenador da agenda, José Expedito Prata, quando este tentava explicar por que Fernando Henrique não iria à favela. Um dos motivos era o nome: Rabo da Gata.

A rixa entre o governador Marcello Alencar e o candidato do PFL ao governo fluminense, César Maia, também causou situações embaraçosas. Em 29 de agosto, o presidente foi à sede da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), para conhecer um projeto de fruticultura.

Na saída, Fernando Henrique embarcou no carro sozinho e foi para o Aeroporto Santos Dumont, onde César Maia o aguardava para que fossem almoçar na Ilha do Governador. O presidente foi obrigado a fazer isso porque Marcello estava na Firjan e se sentiria melindrado, se visse Fernando Henrique sair com César Maia.

A preparação prévia da agenda do presidente não impediu incidentes de última hora. Na viagem a Manaus, em 18 de setembro, o deputado Pauderney Avelino (PFL) resolveu que tinha de falar no comício. Foi procurar o secretário-geral do PSDB, deputado Arthur Virgílio Neto. "O problema é que a campanha do Fernando Henrique não deixa", vetou Virgílio.

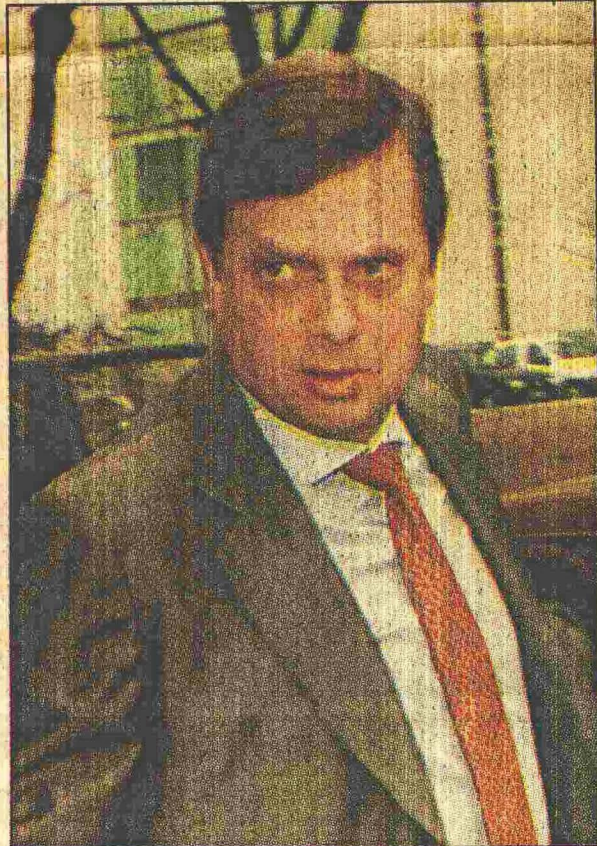
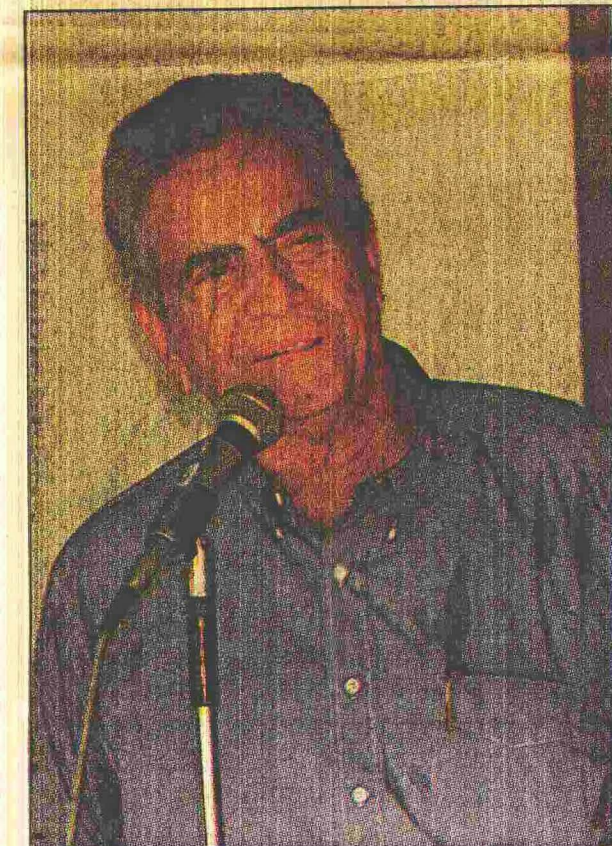
Pauderney foi, então, procurar o coordenador da agenda presidencial, José Expedito Prata, que já havia sido alertado por um telefonema de Arthur Virgílio. Pauderney começou a conversa com Prata tentando impor-se com uma carteira-da: "Eu sou vice-líder do governo". Estabeleceu-se a discussão nos corredores do Hotel Tropical. A solução foi incluir um discurso do deputado na visita que Fernando Henrique faria às crianças do Projeto Cunhantã-Curumim. Mas no palanque Pauderney não falou.



Scalco tinha a tarefa de conciliar conflitos entre aliados e várias vezes ameaçou largar tudo e ir para casa

Antônio Lacerda - 18/9/98

Jamil Bittar - 18/9/97



Marcelo conseguiu cancelar comício, mas Tasso perdeu briga para levar FH à favela Rabo da Gata